

ALASHIA E O COMÉRCIO COM O EGITO NA XVIII DINASTIA

Antonio Brancaglion Junior

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Universidade de São Paulo

RESUMO: Os reis da XVIII dinastia promoveram uma política econômica de grande envergadura, que visava aumentar ao máximo as relações comerciais com outros reinos do Mediterrâneo Oriental e Ásia, entre eles Chipre (Alashia), que por sua vez volta seu comércio em busca de um posicionamento privilegiado no mercado egípcio. O comércio exterior egípcio era um monopólio real, assim como a divisão dos produtos de luxo e prestígio que eram importados, o que contribuía para reforçar seu poder político internamente. Os produtos eram geralmente designados pelos egípcios como "tributos de países submissos", mesmo vindos de países como Babilônia, Chipre e Mitani. Esta "arrogância" típica do Novo Império justifica-se dentro de uma política dos reis da XVIII dinastia.

PALAVRAS-CHAVE: Egito, Chipre, Alashia, Comércio Exterior, Mediterrâneo Oriental, Relações Exteriores.

Após a expulsão dos Hicsos¹, o Egito inaugura o chamado Novo Império (1580-1200 a.C.), um período brilhante e em muitos aspectos diferente das épocas que o precederam. Tebas é agora a capital administrativa do reino. A expansão para o sul é concluída onde o seu império africano é marcado pelas relações comerciais com os oásis do deserto Líbio² através de caravanas e o comércio marítimo com a terra de Punt³. É neste comércio africano que o Egito irá buscar parte importante de suas riquezas que lhe permitirá lançar-se em direção ao Mediterrâneo Oriental onde estabelecerá a *pax ae gyptiaca*.

O Novo Império distingue-se dos outros períodos de unidade nacional principalmente por sua política externa. Enquanto a política do Antigo e Médio Impérios caracterizaram-se pela ação defensiva, o Novo Império inaugura o que poderíamos chamar de política imperialista. Uma possível consequência dos dois séculos de ocupação asiática no Delta levaram-no a uma busca de uma zona de

1 Povo nômade semita de origem ainda desconhecida. Vindos do oriente, invadiram o delta do Nilo onde fortificaram a cidade de Avaris, tornando-a sua capital (1730 a.C.). Tomaram Mênfis tornando-se senhores do Egito por mais de um século. Normalmente traduz-se a palavra hicsos como "reis pastores" ou "chefes de país estrangeiro"

2 Após chegarem à quarta catarata do Nilo na altura de Napata no 17º paralelo, ao longo de mais de 2.260 Km. do vale do Nilo.

3 Forma egípcia de um topônimo indígena de um local ainda indeterminado situado ao sul do Mar Vermelho, possivelmente as costas da atual Somália ou o sul da península do Sinai

segurança, expandindo-se para leste ocupando o espaço que o separa do novo poderio dos mitanianos ⁴

Aproveitando-se da decadência de antigos impérios, como os dos Hititas, dos Assírios e dos Babilônios, o Egito instalara-se primeiro a leste do Eufrates, designado por eles como Naharina. O corredor Siro-palestino, dividido em inúmeros pequenos estados, será controlado tanto pelos egípcios quanto pelos mitanianos. A hegemonia egípcia estendera-se de Gaza e Canaan (Kharu) à Palestina (Djahi) e à Síria (Retenu). Este será o palco em que se desenvolverá a economia e a política egípcia na Ásia Anterior durante o Novo Império. Através dos vários portos da costa síria os egípcios estabeleceram o contato com Chipre, Creta, as ilhas do Egeu, a Sicília e com o próprio continente grego.

A conquista destes amplos territórios colocou o Egito em contato estreito com populações heterogêneas, com uma estrutura política e social diversificada, muito diferente das suas possessões africanas. A administração das províncias da Núbia era de caráter completamente diferente por tratarem-se de povos com uma organização tribal, espalhados por um grande território e que aceitavam mais prontamente a ordem imposta sobre eles, a tal ponto que os povos da Núbia tornaram-se de fato egípcios ⁵.

Na Síria e no Mediterrâneo Oriental os egípcios encontraram culturas diferentes, tão antigas quanto a sua própria, com religiões organizadas e um complexo sistema social e legal. O Egito até então muito introspectivo em seu mundo africano, modifica-se, embora sempre fiel à sua cultura, adotando o luxo tipicamente oriental, que se reflete nas produções artísticas da época.

O impacto do Egito sobre estas culturas não foi todavia menor. Príncipes educados no Egito ao retornarem às suas próprias nações deveriam impor sobre a sua corte algumas das idéias e maneiras adquiridas durante a sua educação egípcia. A influência da religião egípcia sobre a iconografia destes diferentes povos é considerável. No repertório de motivos empregados nos marfins encontrados em tumbas cipriotas do Bronze Recente ⁶ (Kition e Enkomi) apresentam uma forte influência egípcia: Bés, Heh, o papiro e o lótus estão entre os temas repetidamente empregados, e o ankh aparece sobre selos-cilindros. Tais motivos eram freqüentemente distorcidos: a esfinge, uma figura masculina por excelência, símbolo do faraó torna-se nas placas de marfim de Salamina (tumba 79) femininas. Este estilo "egipcianizante" atingiu grande popularidade em todo Mediterrâneo Oriental e Ásia Menor, sendo o produto de artesãos locais que tiraram a sua inspiração de modelos egípcios importados.

4 Conquistadores arianos, instalados entre o Orontes e o Eufrates, cuja influência estendia-se do sudoeste de Canaan a leste da Assíria.

5 Durante o Novo Império a Núbia tornou-se parte do Egito com um vice-rei, o "governador do país do Sul" que possuía o título honorífico de "filho real" e mais tarde "filho real de Kush", em torno da qual está instalada uma corte, um ramo da burocracia tebana.

6 O mais antigo testemunho de uma influência egípcia sobre a religião cipriota foi a descoberta de uma estela funerária encontrada em um dromos de uma tumba em Karmi datada do Bronze Médio, uma nítida influência das estelas no estilo "porta-falsa" das mastabas do Antigo Império (Karageorghis, 1968, p 139)

A fama da medicina egípcia espalhou-se por todo o mediterrâneo, médicos e sacerdotes exorcistas eram enviados às cortes orientais, como as de Ugarit e Alashia.

Embora não seja diretamente demonstrável, a escrita hieroglífica egípcia parece ter influenciado as escritas siro-palestinas durante o XVI ao XIV séculos a.C.

Neste novo contexto, Chipre desempenhou o importante papel de centro ideal para o desenvolvimento das relações comerciais entre o mundo egeu, o mundo oriental e os egípcios⁷.

Chipre não se viu livre do antagonismo que opunha egípcios e hicsos em toda a Ásia Menor. A destruição de fortalezas em Nitovikla e Nikolidhes (XVII e XVI sécs. a.C.) indicam que os hicsos invadiram e ocuparam por algum tempo a parte leste da ilha antes de serem expulsos pelos egípcios. O restabelecimento da paz favoreceu grandemente o desenvolvimento de Chipre, as minas de cobre foram plenamente exploradas e o metal exportado para o Egito pelos portos do lado sul e leste da ilha⁸.

Dois cidades destacaram-se por seu trabalho em cobre: Enkomi e Kítion, ambas mantiveram um intenso comércio com o Egito desde o Bronze Médio.

O nome geográfico Alashia⁹, que aparece nos tabletas cuneiformes da Anatólia e nos textos egípcios desde o século XVIII a.C., designa um país exportador de cobre, identificado como sendo Chipre, muito embora o termo pareça referir-se a estas duas cidades, não se aplicando à ilha como um todo. Isto porque as cidades de Chipre comercializavam livremente com o Egito e todo o Mediterrâneo.

Os produtos destas duas cidades, em particular a cerâmica de estilo egeu-oriental, juntamente com o cobre figuravam entre os produtos de exportação.

Jarros-estribo e ritões, encontrados em sítios do Egito¹⁰, eram provavelmente usados como recipientes para a exportação de óleo de oliva, enquanto que modelos miniaturísticos em faiança serviram para unguentos perfumados e líquidos valiosos¹¹.

Em contrapartida as tumbas de Kítion e Enkomi comprovaram a quantidade de objetos egípcios exportados para Chipre durante o Bronze Recente: na

7. Conhecida desde muito tempo pelos comerciantes minóicos a riqueza de Chipre atraiu também os micênicos que desde o início do Bronze Recente estabeleceram-se na ilha ocupando-se de um intenso comércio exterior.

8. Após ter sido tomada dos ptolomeus pelos romanos (58 a.c.) Chipre continuou a fornecer o seu cobre a uma grande parte do mundo mediterrâneo, o que lhe valeu a transmissão de seu nome às línguas modernas "cobre" proveniente do latim *cyprium*.

9. Alashia ou Alashiya é mencionada sob a forma de Isy (Asy, Irs, ou Isia) nas viagens de Unamon, texto datado do XI e X séc. a.C. Encontramos referências a Alashia nas listas geográficas de Tutmósis III (XV séc.) e de Séthi I (fim do XIV séc. a.C.). As inscrições no Templo funerário de Ramessés III em Medinet-Abu mencionam a propósito da invasão dos "Povos do Mar" em Alashia quando do 8º ano do reinado deste faraó (1191 a.C.).

10. Foi atestada a presença de cerâmica micênico-cipriota datada do XIV e XIII séculos a.C. em Abidos, Amarna, Assiut, Balabish, Buhen, el Arish, Fayum, Gurma, Gurob, Hellópolis, Mostai, Naqada, Rief, Riqqeh, Saqqara, Sedmet, Sesebi, Tell el Daba, Tell el Yahudiyeh e Tebas.

11. Um jarro-estribo de estilo micênico datado do XIII século a.C. (Heládico III B) proveniente de Amarna mostrou em uma análise preliminar que seu conteúdo era óleo de côco. (Museum of Fine Arts-Boston, p.153. 1982.)

tumba n.º 1 de Kftion foram encontrados anéis e brincos em ouro, colares de faiança egípcia decorados com motivos florais, bronzes, vasos de alabastro e faiança, marfins, escarvelhos e ovos de avestruzes, além de selos-cilindros com motivos egípcios. Em nenhuma outra parte da ilha foram encontrados tantos objetos egípcios ou "egipcianizantes" quanto aqui.

Assim como em Kftion, Enkomi devia a sua riqueza ao cobre, originário das minas de Kalavassos e Trulli. Kftion era a cidade que melhor poderia manter relações com o Egito, que se encontrava diretamente em frente ao seu porto.

As fontes textuais e arqueológicas mostram-nos que os faraós do Novo Império limitaram suas importações da Ásia e ilhas do Mediterrâneo, principalmente as matérias brutas e mercadorias de uma natureza e variedade não disponível ou não produzidas em quantidade suficiente no próprio Egito; esta era, aliás, a mesma política adotada em seu comércio africano.

Entre os principais produtos de importação estavam as madeiras: coníferas do Líbano, o carvalho da Ásia Menor¹², o junípero de Chipre¹³, o olmeiro, o freixo e o salgueiro trazidos da Anatólia e de Chipre¹⁴; vinhos, óleos e resinas da Síria; a prata das ilhas do Egeu, do Retenu e de Naharim; a obsidiana da Grécia; o lápis-lázuli da Babilônia e Assíria¹⁵; o marfim de elefante do vale do rio Orontes na Síria. Também produtos manufaturados eram importados, particularmente artigos de luxo tais como vasos de prata, ouro e bronze, vasos contendo unguentos e óleos aromáticos, valiosos por seu conteúdo e pelo valor intrínseco de sua beleza; armas e ornamentos eram também apreciados e vinham de Creta e da Síria. Além destes produtos, animais como o cavalo, uma raça de gado com corcova¹⁶ e espécies consideradas exóticas como os ursos eram também comercializadas¹⁷.

O Egito tinha a oferecer como produtos de exportação o ouro, o mais avidamente procurado, sendo ele o maior produtor do mundo antigo; diferentes produtos manufaturados entre eles o linho, o papel de papiro, produtos de couro, além de cereais em grãos que fizeram do Egito o maior produtor da antiguidade.

O termo empregado pelos egípcios para designar estas transações comerciais era *inw*, normalmente traduzido por tributo, mas que significa literalmente "coisas trazidas" e é assim empregado não somente para as mercadorias trazidas ou enviadas sob ameaças, mas também para os presentes anuais enviados ao faraó pelas cortes independentes. Sem dúvida os egípcios nunca tiveram o interesse em distinguir as diferentes formas de relacionamento com os povos do Mediterrâneo e Ásia, e certamente isto explica-se como sendo uma forma de propaganda oficial, que aclamava o mundo todo como domínio do faraó. A palavra tributo era por extensão aplicada tanto às mercadorias trazidas pelo

12. Utilizados entre outros fins na construção de barcos, portas de templos e palácios, sarcófagos e outras peças do mobiliário cotidiano e funerário.

13. Cujos frutos aromáticos eram utilizados como remédio.

14. Utilizadas na manufatura dos carros de guerra.

15. O lápis-lázuli ao qual se atribuía qualidades mágicas era originário das minas do Badakhshan a noroeste do Afeganistão.

16. Espécie desconhecida no Vale do Nilo antes da XVIII dinastia.

17. Escravos asiáticos parecem ter sido itens do comércio de importação egípcio embora durante o Novo Império a maioria deles fossem prisioneiros de guerra e não mercadorias.

comércio internacional, quanto aos presentes dos reinos aliados. Ambas as categorias eram oferecidas com base no costume oriental de, ao se enviar um presente ou uma mercadoria, esperar-se em retribuição um outro de valor aproximadamente igual.

É freqüentemente difícil distingüir se os artigos descritos nos textos ou representados nas pinturas tumulares são parte do imposto anual, presentes reais, ou mercadorias comercializadas segundo tratados previamente estabelecidos.

Se os tratados de amizade concluídos entre o Egito e os reinos de Mitani e a Babilônia eram apoiados em casamentos entre famílias reais e por uma política de créditos abertos pela corte egípcia a seus aliados, as relações diplomáticas muito estreitas mantidas com os reis de Alashia (Chipre) revelam uma política nitidamente diferente.

Chipre não é um Estado continental, por conseqüência o Egito não mantinha uma intervenção militar sempre presente. A corte de Tebas não tinha nenhum interesse em negociar com Chipre casamentos políticos nem favorecer-lhe economicamente. Os reis de Alashia, sempre que possível, mantiveram com o Egito relações econômicas baseadas na lucratividade de seu comércio.

Um verdadeiro tratado de comércio sustentava estas relações. Não conhecemos o conteúdo deste tratado, mas a correspondência trocada entre as duas cortes é suficientemente clara a este respeito. Tudo leva a crer que a iniciativa de tal tratado coube ao rei de Alashia que estabeleceu vantagens de exportação de suas mercadorias aos portos egípcios, estabelecendo uma cota mínima anual de importação de cobre e madeiras¹⁸.

Alashia aparece na correspondência diplomática de Amarna, como um Estado essencialmente orientado para as atividades econômicas. A política de seu rei, antes de tudo, visa o desenvolvimento do comércio de seu reino, dando aos seus produtos uma posição privilegiada no mercado egípcio. O rei de Chipre não era um rei absoluto, pois sabemos de disputas internas em sua corte envolvendo a exportação de madeira para o Egito. Era um rei que praticava uma política estadista ou uma economia de Estado. O comércio era feito por mercadores independentes; estes mercadores constituíam certamente uma classe dominante no reino, pois eram enviados como embaixadores de Chipre à corte do faraó.

O tratado estabelecido entre os dois Estados não visava exclusivamente direitos aduaneiros. Garantiria também, aos mercadores cipriotas que viajavam pelo Egito, a proteção do faraó, tanto para sua pessoa quanto para seus bens. No caso da morte de um mercador cipriota em território egípcio, seus bens eram garantidos aos seus herdeiros, ficando o Egito responsável pela sua conservação e transporte até Chipre, onde seriam entregues aos herdeiros legais. Trata-se da mais antiga aplicação de princípios de direito internacional privado conhecido.

O direito aparece desta forma como um desenvolvimento particular nas relações do Egito com Chipre, que se explica em vista da importância de suas relações comerciais.

Contrariamente aos tratados estabelecidos entre o Egito e as forças continentais, esta aliança não parece ter sido confirmada nem por um casamento político, nem por vantagens financeiras.

18 Para o cobre a quantia deveria ultrapassar os 500 talentos isto é 30 000 Kg

Este relacionamento diplomático desenvolveu-se após o reinado de Tutmósis IV, tornando-se constante sob Amenhotep III.

O contato entre Egito e muitos dos povos do Mediterrâneo e Ásia dava-se por meio da navegação, particularmente nas relações com Biblos, Chipre e Creta, daí a necessidade de uma marinha eficiente e de embarcações bem planejadas.

A travessia direta Egito-Chipre seria desfavorável devido aos ventos elísios, extremamente irregulares, que obrigariam o uso quase que exclusivo dos remos como forma de propulsão dos barcos. A rota indireta seguindo o trajeto oriental, seria naturalmente a melhor, por permitir escalas nos portos da costa Siro-Palestina e principalmente por dispor de ventos regulares. Seria uma viagem de aproximadamente 1000 a 1500 quilômetros, que seriam percorridos em 15 dias.

Ao contrário dos outros povos¹⁹ a documentação naval egípcia dispõe de inúmeras fontes de informações a respeito de suas embarcações: pinturas em tumbas, relevos dos templos, modelos reduzidos, fontes textuais e embarcações sepultadas.

A marinha egípcia do Novo Império funcionava primordialmente como meio de transporte e comunicação para as expedições militares, servindo como base móvel de operações para expedições no Nilo e ao longo das costas do Mar Vermelho e Mediterrâneo. Funcionava ao mesmo tempo como frota comercial e exploradora a serviço do faraó ou fretada pelos templos para fins comerciais.

Havia uma notável diferença nos tamanhos e formas dos próprios navios, variando segundo a sua destinação para serviços no Nilo, no Mediterrâneo ou no Mar Vermelho. Todos estes barcos tinham em comum um mastro central com uma vela quadrada, remos de propulsão e remos utilizados como leme.

No caso das viagens entre a costa do Delta do Nilo e as ilhas do Mediterrâneo oriental ou entre os numerosos portos da Costa Siro-Palestina, a velocidade não era imprescindível mas sim a capacidade de carga²⁰. Os navios da frota Mediterrânea possuíam espaço para arrumação de carruagens e outros equipamentos volumosos sobre os quais era montado um convés auxiliar, e eram providos com estábulos para cavalos²¹.

Os componentes embarcados para o serviço naval consistia de uma companhia armada de tropas anfíbias especialmente treinadas²² que nos grandes navios chegava a 200 soldados treinados a desempenhar tarefas como marinheiros e chefiados por um porta-estandarte²³ e por um funcionário de carreira semelhante a um "comandante de tripulação"²⁴, o navio em si era pilotado pelo navegador²⁵

19. As embarcações fenícias, embora grandes navegantes, são mal conhecidas, dispomos de raras representações de origem assíria e do relevo de um sarcófago de Sidon a este respeito.

20. As embarcações utilizadas no Mar Vermelho eram necessariamente mais velozes devido à longa jornada por uma costa árida com poucos pontos com água potável.

21. Duas classes de navios em serviço no Mediterrâneo destacaram-se, a classe Biblos (*Kpnrw*) e a classe Creta (*Kftiw*), construídos inicialmente para o comércio com estas localidades. Foram também empregadas em viagens do tipo similar, como para Chipre.

22. Em egípcio *hnyt*.

23. Em egípcio *t3y sryt*.

24. Em egípcio *hry hnyt*.

25. Em egípcio *nfw*, título também aplicado ao capitão e ao imediato de pequenos navios

Os nomes dos navios aos quais os funcionários e tripulação estavam ligados eram incluídos em seus títulos²⁶. O inverso também ocorria, navios eram conhecidos pelo nome de seu comandante²⁷ e a transferência para um navio mais importante era uma das formas de promoção mais comum.

Dentro da hierarquia naval egípcia estava o de "Fiscal de Navios", uma espécie de comandante da frota, função que não requeria qualquer experiência naval, exercido por funcionários administrativos. O cargo máximo na "marinha egípcia" era o de "Fiscal de todos os Navios do Rei", o que designava o almirante da frota e que era exercido pelo vizir ou pelo príncipe regente²⁸.

A principal base-estaleiro do Egito localizava-se no Nilo, próximo a Mênfis na junção dos canais que levavam aos portos do Delta; era chamado *Per-nefer* (Boa-Viagem). Nele ficavam o estaleiro, as instalações do porto, alojamentos para viajantes estrangeiros, um templo e o ancoradouro da barca real chamada "Navio-Falcão"; a nau-capitânia utilizada pelo faraó em suas viagens pelo Nilo.

O Egito dominou o comércio do mundo mediterrâneo oriental até o período amarniano, quando a impassividade política de Akhenaton teve como resultado o gradual enfraquecimento da autoridade egípcia na região e o declínio da supremacia marítima, favorecendo os mitanianos no campo político e os fenícios no comércio marítimo.

RÉSUMÉ: Les rois de la XVIIIe dynastie ont promu une politique économique de grande portée, envisageant augmenter au maximum les rapports commerciaux avec les autres royaumes de la Méditerranée Orientale et l'Asie, parmi eux Chypre (Alashia), dont le commerce se développe en quête d'une position privilégiée à l'intérieur du marché égyptien. Le commerce extérieur égyptien était un monopole royal, de même que la division des produits de luxe et de prestige importés, ce qui renforçait son pouvoir politique à l'intérieur. Les égyptiens désignaient généralement ces produits par "tributs de pays soumis", même s'ils venaient de pays comme Babylone, Chypre et Mitani. Cette "arrogance" typique du Nouveau Empire se justifie par la politique des rois de la XVIIIe dynastie.

Mots clés: *Égypte, Chypre, Alashia, Commerce Extérieur, Méditerranée Orientale, Relations Extérieures.*

26. Por exemplo "porta-estandarte do navio do rei amado de Amon". Muitos dos nomes dos grandes navios nos são conhecidos desta forma, por exemplo "Estrela-de-Mênfis", "Manifesto-em-Justiça", "O Governante é Forte" e "O Esplendor de Áton".

27. Por exemplo "o barco de Amenhotep, filho de Neferhotep".

28. Sobre outros títulos navais ver Hevereau, Pierre-Marie. Contribution à la Prosographie des Cadres Militaires du Moyen Empire. *Revue d'Égyptologie*. Paris Société Française d'Égyptologie. 43 11-34 1992.

BIBLIOGRAFIA

- BRESTEAD, J. H.** *Ancient Records of Egypt: historical documents*, vol.II. New York: Russel & Russel, 1962.
- DRIOTON, E. e VANDIER, J.** *L'Égypte: Des origines à la conquête d'Alexandre*. Paris: Presses Universitaires de France, 1989.
- VERCOUTTER, J.** *Essai sur les Relations entre Égyptiens et Pré-hellènes*. Paris: Librairie A Maisounneuve, (col.L'Orient Ancien Illustré, 6), 1954.
- CROSSLAND, R. A. e BIRCHALL, A.** *Bronze Age Migrations in the Aegean: Archaeological and linguistic problems in Greek prehistory*. Londres: Duckworth, 1973.
- KARAGEORGHIS, V.** *Chypre*. Genève: Les Éditions Nagel, 1968.
- HAYES C. Willian.** Egypt: international affairs from Tuthmosis I to the death of Amenophis III. in: *The Canbridge Ancient History*, vol.II - 1. Cambridge: University Press, 1973.



